



Trabalho (no) Feminino: (1850-1926) - Histórias dos Açores

Mulheres Singulares

Silvina Carmen Furtado de Sousa (Horta, 19/1/1877 – 6/9/1973) – foi uma notável faialense, nascida no seio de uma família de músicos e artistas, vindo a distinguir-se como pianista, poetisa, professora e explicadora. Era filha de Virgínia Adelaide Furtado de Sousa e de Cândido Maria de Sousa (ator de teatro amador) e sobrinha-neta do pianista José Leal Furtado.

O infortúnio marcou a sua infância, uma vez que os pais se separaram quando Silvina tinha, apenas, 5 anos de idade. Os irmãos mais novos, Heitor e Asdrúbal, ficaram a viver com a mãe que, em 1883, emigrou definitivamente para o Brasil, juntamente com Asdrúbal. A progenitora nunca mais regressou à cidade da Horta, quebrando, assim, os laços com Heitor, que ficou, na ilha, a residir com familiares e também com Silvina, que ficou a viver com o pai. Cândido de Sousa era funcionário público e, após a separação da esposa (cujo motivo permanece desconhecido), fixou residência em Lisboa, desempenhando funções de escrivão do judicial. A filha acompanhou-o, sofrendo com o afastamento em relação à mãe e aos irmãos. Em contrapartida, a vida na capital permitiu-lhe frequentar aulas de piano, pintura, datilografia, dança, entre outras disciplinas de cultura literária, que ajudaram a despertar a sua veia poética. Não obstante, outro rude golpe viria afetar a vida de Silvina de Sousa, quando contava 16 anos de idade: o falecimento do pai, vítima de tísica pulmonar. A jovem foi, então, obrigada a regressar à cidade que a viu nascer, passando a residir com a família do tio José Cândido Bettencourt Furtado e, mais tarde, com a prima, Lídia Furtado, verdadeira irmã, com quem manteve profundos laços afetivos.

Silvina nunca casou, o que não significa que não se tenha apaixonado, sem ser correspondida. Talvez... De temperamento nostálgico e de aparência frágil, tornou-se uma cultora das letras, publicando contos, artigos e crónicas e, sob o pseudónimo de Iracema, numerosos poemas (incluindo sonetos), nas páginas de diversos jornais açorianos, quer faialenses (como *O Telégrafo* e *o Correio da Horta*), quer micalenses (como *o Diário dos Açores* e *o Correio dos Açores*) ou, ainda, picoenses, como *O Dever*. Ruy Galvão de Carvalho incluiu nove poemas, da autoria de Iracema, na *Antologia Poética dos Açores*. Além disso, prefaciou a sua coletânea poética, intitulada *Saudade*, publicada em Coimbra, em 1960. Segundo palavras do escritor, nos sonetos compilados — forma literária por excelência — a poetisa condensara “todo o seu sentir de mulher (...), vasa[ra] os seus estados de alma mais íntimos e delicados; os seus sonhos de amor e aspirações ideais, enfim, todo o seu mundo interior, tão rico de experiência e de beleza!” (*O Dever*, 15/4/1961).

Além da escrita, e talvez por influência do pai, Silvina foi também uma amante da atividade artística, bem como do ensino. Em 1916, em conjunto com a prima Lídia, colaborou na fundação do Salão Teatro Éden que, durante aproximadamente um quarto de século, foi palco de récitas teatrais e de cinema. Este salão dinamizou a vida cultural da cidade da Horta, incentivando novos talentos e artistas amadores que se tornaram conhecidos em várias ilhas do arquipélago. Silvina Sousa era uma das mentoras do Salão Éden, vindo a integrar a Orquestra Sarmira e outras, que animaram muitos espetáculos e serões faialenses.

Em 1918, fundou o Colégio Insulano, no mesmo edifício do Salão Éden, visando o lecionação de diversas disciplinas adequadas ao que, à época, era considerado o perfil verdadeiramente feminino: Português, Inglês e Francês, Piano, Canto, Pintura, Lavoros, entre outras. Cresceu o ensino do 1.º e 2.º graus da instrução primária. Porém, dificuldades de financiamento terão ditado a efémera atividade deste colégio, no qual Silvina Furtado de Sousa foi professora. O contexto do pós guerra e as vicissitudes então vividas, terão causado problemas às primas da família Furtado e, por isso, tendo em conta as suas habilitações, a partir de 1926, a poetisa Iracema passou a funcionária do Banco Fayal, tornando-se a primeira mulher a trabalhar numa instituição bancária açoriana. As suas funções só cessaram com a falência do Banco, em 1944. Nesta altura, já contava com 67 anos.

Silvina continuou a dar explicações particulares, o que fazia desde o encerramento do Colégio, passando longas temporadas no Pico, em especial, na Madalena onde dava aulas de piano, datilografia e pintura. Aliás, acabou por fixar-se nesta vila durante duas décadas.

Em julho de 1965, esta ilustre faialense recebeu o grau de Dama da Ordem do Infante D. Henrique e, em agosto, numa cerimónia de homenagem, recebeu das mãos do Governador Civil, as insígnias do grau de Cavaleiro da Ordem de Instrução Pública.

Por esta ocasião, tornou-se sócia honorária do Núcleo Cultural da Horta. Todas estas prestigiadas distinções motivaram a colocação de uma lápide, na sua casa, que entretanto desapareceu. A toponímia da cidade da Horta, onde se inclui a Rua Silvina Furtado de Sousa, perpetua esta singular figura feminina que faleceu aos 96 anos de idade, no Lar da Santa Casa da Misericórdia local.

Susana Serpa Silva

Recomendamos a leitura

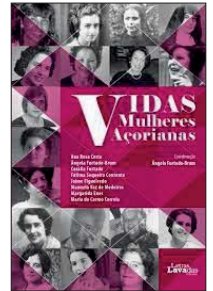
Nesta edição recomendamos ao leitor o livro *Vidas - Mulheres Açorianas*, da editora Letras Lavadas, publicado em 2020, com coordenação de Ângela Furtado-Brum. Neste, o leitor encontrará para além da Mulher Singular hoje presente nesta página, Silvina Furtado de Sousa, a biografia de outras 17 mulheres açorianas, das mais diversas áreas, que merecem ser recordadas.

No que toca ao mundo da banca e a presença feminina recomendamos ao leitor as seguintes obras, que mostram um pouco da realidade atual. Em primeiro lugar, de Cíntia Andreia da Cunha Neves, a sua dissertação de mestrado de 2017 defendida no Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra, intitulada *O papel do género na banca portuguesa*. Onde a autora pretende dar uma imagem de como as questões de género afetam o mundo profissional das mulheres dentro da banca, pode ser descarregada para leitura digital em https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/21146/1/C%3adntia_Neves.pdf.

E de Juliana Alexandra Guimarães Fonseca, a sua dissertação de mestrado de 2013 defendida na Universidade do Minho, intitulada *As diferenças salariais por género no setor bancário português*. Nesta averigua-se a possível existência de diferenças salariais com base no género, pode ser descarregada para leitura digital em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/28348/1/Juliana%20Alexandra%20Guimar%3a%3es%20Fonseca.pdf>.

Boas leituras!

Bruna Valério



Sabia que...

Durante muito tempo as mulheres ficaram à parte do mundo dos negócios, como já aqui foi referido noutras edições desta rubrica. O seu papel remetido aos cuidados do lar e a atividades consideradas mais apropriadas à sua condição de mulher desde muito cedo as privou do acesso ao capital e à gestão financeira de bens e serviços, quer ao nível particular como ao nível profissional. Ainda assim, várias mulheres tentavam alcançar alguma autonomia financeira, sobretudo no virar do século XIX para o século XX, propondo-se trabalhar em indústrias que empregavam operárias para tarefas em série, em casas particulares desempenhando tarefas domésticas ou até por conta própria rentabilizando os seus serviços como engomadeiras, bordadeiras, amas, professoras entre outras. Note-se que são áreas que não requerem investimento financeiro e cujo retorno de capital é, sobretudo, para o quotidiano como modo de sustento. As mulheres investidoras eram em número muito residual, situações de exceção e não de regra pela falta de poder de decisão e de acesso a capital financeiro.

Curiosamente, de acordo com dados da Pordata, em Portugal, no ano de 1974 já trabalhavam por conta própria 154 mil mulheres enquanto por conta de outrem eram 853 mil, valores que aumentaram gradualmente até ao ano de 2010 em ambos os contextos. Porém, enquanto nos últimos anos o número de mulheres que trabalham por conta de outrem continua a aumentar gradualmente, o número de trabalhadoras por conta própria, que chegou a atingir os 515 mil em 2004, diminuiu acentuadamente e na última década ronda as cerca de 293 mil.

A definição de papeis da condição feminina influenciou, em grande parte, a escolha de áreas profissionais que ainda hoje, se reflete nas áreas de formação da população portuguesa. Numa rápida análise de dados disponíveis na Pordata, percebemos que nas duas décadas já passadas do século XXI a área de formação do ensino universitário com maior percentagem de alunos do sexo feminino é a área da Educação, que representavam uma taxa total de 83,6 % em 2004 e de 77 % no ano de 2021. Segue-se a área da Saúde e proteção social onde a percentagem de alunas ronda os 77%, sem grande variação do ano 2004 para o presente. Desta análise percebe-se que a área das Ciências sociais, do comércio e direito, a área de Serviços ou a área das Ciências matemáticas e informática não são as áreas de formação mais escolhidas por alunos do sexo feminino, mantendo uma percentagem total que ronda os 40%. Não obstante, no ensino universitário, a área de formação com menos percentagem de alunas é, sem dúvida, a de Engenharias e indústrias transformadoras que ainda este ano registou apenas 27% de matrículas de alunos do sexo feminino. A estes dados acresce o facto de Portugal se manter aquém do número de mulheres que frequentam o ensino superior, comparativamente a outros países da Europa como a Alemanha, França, Espanha ou Itália que ocupam o topo da lista.

N'Zinga Oliveira



► Dois sonetos da autoria de Silvina de Sousa, in *O Dever*, n.º 2.134, 15 de abril de 1961.